

Carlos Henrique de Escobar por ele mesmo: tragicidade e teoria do discurso*

*João Kogawa***

Resumo. O professor Carlos Henrique de Escobar é um filósofo, historiador, teatrólogo e semiólogo que se encontra, hoje, obscurecido no panorama intelectual brasileiro. Ele viveu o período dos “anos de chumbo” no Brasil e, nesta entrevista, conta um pouco de sua trajetória pessoal e intelectual durante os anos 1960/70, no Brasil. Este autor, que sofreu com os abusos do poder ditatorial – sofrendo, inclusive, tortura, como nos conta aqui – é um dos precursores, no Brasil, do campo denominado hoje como análise do discurso de linha francesa. Com efeito, ele foi um dos principais articuladores – e também um dos primeiros a fazê-lo no Brasil – de uma teoria do discurso que envolve o tripé marxismo, linguística e psicanálise, tal como o propunham, na França, Michel Pêcheux e seu grupo. É também um dos principais leitores de Althusser em um momento em que ler esse autor era mal visto tanto pela esquerda militante, quanto pela direita brasileira. Atualmente, o professor Escobar vive em Aveiro – Portugal – e nos cedeu, muito gentilmente, esta entrevista por e-mail.

Palavras-chave: Carlos Henrique de Escobar; História da análise do discurso; Louis Althusser; Michel Pêcheux.

Carlos Henrique de Escobar written by himself: tragedy and discourse theory

Abstract. Carlos Henrique de Escobar is a philosopher, historian, playwright and semiologist who is at present somewhat hidden from the Brazilian scenario. He lived during the “Years of Lead” in Brazil. Current interview narrates a section of his personal journey during the 1960-1970 period in Brazil. The author was abused by the military dictatorship and tortured. He was one of the Brazilian forerunners in French Discourse Analysis. In fact, he was one of the main articulators and one of those who put in practice the Discourse Theory that involved Marxism, Linguistics and Psychoanalysis, as proposed in France by

* Entrevista recebida em 24/04/2014. Aprovada em 11/07/2014.

** Doutor em Linguística pela Unesp, com estágio doutoral na Sorbonne (Paris III). Professor Adjunto do Departamento de Letras da Unifesp, Guarulhos/SP, Brasil. E-mail: jmnkogawa@gmail.com

Michel Pêcheux and colleagues. He was one of Althusser's readers when reading Althusser was wrong for the Brazilian leftist and rightist militants. Escobar currently lives in Aveiro, Portugal, and provided the interview by e-mail.

Keywords: Carlos Henrique de Escobar; History of Discourse Analysis; Louis Althusser; Michel Pêcheux.

Carlos Henrique de Escobar por sí mismo: tragicidad y teoría del discurso

Resumen. El profesor Carlos Henrique de Escobar es un filósofo, historiador, teatrólogo y semiólogo que hoy se encuentra solapado en el panorama intelectual brasileño. Vivió durante los “años de chumbo” en Brasil y, en esta entrevista, cuenta un poco de su trayectoria personal e intelectual durante las décadas de 1960 y 1970. Este autor, que sufrió los abusos del poder dictatorial – inclusive la tortura – es uno de los precursores del campo hoy denominado como Análisis del Discurso de la línea francesa. Él fue uno de los principales articuladores (y uno de los primeros en emplear el recurso en Brasil) de una teoría del discurso que relaciona el tríptico Marxismo, Lingüística y Psiconálisis, tal como era propuesto en Francia por Michel Pêcheux y su grupo. También es uno de los principales lectores de Althusser, en un momento en el que leerlo era mal visto tanto por la izquierda militante como por la derecha brasileña. Actualmente, el profesor Escobar vive en Aveiro (Portugal) y nos cedió muy gentilmente esta entrevista por e-mail.

Palabras Clave: Carlos Henrique de Escobar; Historia del Análisis del Discurso; Louis Althusser; Michel Pêcheux.

Apresentação¹

O texto que se segue é a resposta de Carlos Henrique de Escobar às questões que lhe coloquei via e-mail no período em que estive em Paris por ocasião de meu doutorado sanduíche. Trata-se de um trabalho sobre a história das ideias dos filósofos Louis Althusser e Michel Pêcheux [fundador da análise

¹ Agradecemos à Capes que, na época em que a entrevista foi realizada, concedeu uma bolsa de estudos para realização de nosso doutorado sanduíche [Bolsista Capes PDEE (Paris III) Proc. 0032107].

do discurso (AD)] e o contexto histórico-epistemológico de emergência das questões que, posteriormente, desembocaram na constituição de uma disciplina universitária. Evidentemente, não descartamos a importância desse momento de universitarização da teoria. No entanto, para compreender as condições de emergência e de recepção da obra de Althusser e Pêcheux, é preciso ir mais longe. Voltar a um momento em que falar nesses autores custava a exclusão dos círculos intelectuais mais que a integração; em que ler e editar Althusser era interditado pela própria esquerda brasileira. Por outro lado, foi um momento em que ler Althusser e Pêcheux nunca se fez tão urgente.

Isso se mostra claramente na fala textual do professor Carlos Henrique de Escobar, que nos esclarece, como já disse, não apenas a AD, mas os debates e as lutas políticas que marcaram os anos de 1960/70 no Brasil. Era de fato o momento em que uma minoria intelectual acreditava que a filosofia materialista deveria ser o meio para armar um campo conceitual que permitisse enfrentar a dominação burguesa. Era a teoria como arma da revolução da qual falava Althusser.

A meu ver, ainda que seja possível fazer AD sem referência a essas tensões, na medida em que há o aspecto técnico da teoria, é fundamental compreendermos essa história. E isso inclui o conhecimento das agruras e aflições de um sujeito particular em um momento de perseguições. O texto do professor Escobar é extremamente árduo e não deixa, ainda que fortemente teórico, de causar emoção. Emoção vinda dos sofrimentos pelos quais o filósofo passou em prol da causa revolucionária.

Nesse sentido, ainda que possamos, como já disse, olhar para a AD como um aparato técnico que se desenvolveu e se institucionalizou nos anos 1980 no Brasil, é preciso não esquecer que é em meio a lutas, situações de pobreza e exclusão intelectual, perseguições, torturas e violência nas prisões, que as questões foram levantadas. Pêcheux e Althusser eram menos uma

presença em congressos e mesas redondas – e ressalto que não estou questionando a importância das mesas redondas e dos congressos – do que nas rodas clandestinas e grades de prisão. E, em um dos e-mails enviados a mim pelo professor Escobar – e-mail no qual ele questiona o porquê do meu interesse por essas questões –, ele se “espanta” diante do que se tornou o movimento do qual ele participou de forma ativa nos anos 1960/70 e reconhece a mudança de perspectiva tanto na França, quanto no Brasil:

Para os franceses e para nós houve muitas mudanças. Conte-me porque você trabalha na origem destas questões e não nas reflexões atuais. Não porque este teu projeto deixe de ser fundamental para nós brasileiros (e franceses). Tenho dificuldades em lhe responder literalmente porque tudo isso é parte (ou me faz lembrar) de minha vida. Fizem disto tudo uma disciplina e há várias Universidades com esta matéria (ESCOBAR, e-mail de 17 jan. 2011).

O ponto de vista de Escobar, tal como se apresenta no texto-resposta que se segue após esta breve apresentação – que bem poderia ser considerada um registro de impressão de alguém impactado, em todos os aspectos, pela fala que se segue –, a respeito dos acontecimentos desse momento, é chocante. Confesso que a partir dos fatos e da forma com a qual ele narra os acontecimentos de sua vida – e das opções teóricas que tais acontecimentos o levaram a fazer – me fizeram entender de outro modo à expressão que intitula o livro organizado por D. Maldidier: *L'inquiétude du discours*.

Isto posto, deixo a palavra – ou o texto – ao professor Escobar, a quem agradeço imensamente pela oportunidade de poder olhar para a AD com outros olhos. Não agradeço menos à professora Maria do Rosário Gregolin, que introduziu esta pesquisa no Brasil e que me permitiu dar continuidade ao seu próprio trabalho.

Entrevistador. Professor Escobar, durante os anos de chumbo no Brasil, a relação teoria (marxismo althusseriano) x política era marcada por certa

tragicidade. Você poderia falar um pouco sobre sua trajetória pessoal e intelectual nos anos 1960/1970?

C.H. Escobar. Tentei lhe escrever umas três vezes. Com muitas informações e no fim me posicionando (nas questões com que você se ocupa) citando os autores que leio. Eu mesmo me aborrecia. Às vezes, no que diz respeito ao Brasil (seu momento político e o passado), o texto ganhava um aspecto amargo. Um ar de ressentimento. Isso me aborrecia. Houve tantas coisas, tantas dificuldades, tanta ignomínia na direita (o que foi sempre uma das suas características), como na esquerda.

Desde os nove anos (em São Paulo), fui um militante de esquerda. Estava na rua – absolutamente na rua – e havia fugido de um “abrigo” (toda a minha infância foi vivida nestes lugares). De certa maneira – e digo isso sem saber ao certo, pois apesar de comer eventualmente e dormir em cama também eventualmente, há muitas coisas que não se fixaram em minha memória – de certa maneira, repito, aprendi a ler e escrever na “União da Juventude Comunista” (UJC).

Até os 15 anos, fui preso político umas quatro vezes – se estivesse escrevendo minha biografia detalhava estas coisas. Tenho pressa (afinal não é o nosso assunto).

Comecei a frequentar a “Biblioteca Municipal” de SP – aos nove anos, e com essa idade às vezes me deixavam entrar e às vezes não, pois não se pagava nada e havia a possibilidade de conhecer alguém. “Conhecer alguém” era o mesmo que conseguir comer e até dormir.

Da UJC ao PCB (onde acabei entrando), ninguém sabia ao certo desta minha vida sem paradeiro. Pois apesar de “comunistas”, eles eram da classe média ou da classe média alta. Entre eles, comecei a provocar certa curiosidade, parecia sem identidade e lia o dia inteiro na biblioteca. Mas lia – e isso eles não

sabiam – como um “lobo faminto”, esperando alguém para pedir o que me faltava – comida, cama, sentido.

Devo muito ao Maurício Tragtenberg – que tanto na pobreza quanto na posição política era muito parecido comigo. Sua compreensão, sua amizade, suas explicações políticas da Revolução de Outubro. Ele viveu uma vida muito semelhante à minha. Lia, não trabalhava e militava politicamente (verdade que não no PCB).

Na biblioteca, outras pessoas – adolescentes como nós – iam aparecendo. Uns jornais de SP, naquela época (hoje tenho 77 anos, o Maurício morreu, o Pedro suicidou-se, o Bento morreu etc. etc.) noticiaram esta novidade de “adolescentes lendo de tudo na Biblioteca municipal”. Comunistas? perguntavam os jornais.

Na UJC, fundamos a União de Estudantes Secundários; panfletávamos nas periferias no fim da madrugada e queimávamos muitas bandeiras dos “gringos” no Vale do Anhangabaú.

Eu tinha mais duas vidas que o PCB não sabia (e jamais compreenderia) e uma cultura que eu fazia sem instituições de ensino, sem mestres. Fora isso, comia quando comia e dormia quando dormia e eles continuavam me achando “meio estranho”. “Ele não tem família, ele não estuda nem trabalha?” Primeiro, sempre queriam ver os livros que eu trazia nas mãos e começávamos uma briga onde eles decidiriam os livros que eu deveria ler. Eram vulgarizações do marxismo (e a versão leninista-estalinista) e eu tinha lido alguns capítulos do primeiro livro do *Capital*, do *Manifesto Comunista* e muitos outros textos de marxismo (nos textos de Marx).

Acabaram por perceber que eu lia qualquer autor e não os obedecia. Um professor gaúcho (e particular) de filosofia – que grande parte dos intelectuais, hoje velhos e aposentados, frequentavam – me autorizou a assistir suas aulas sem pagar nada. De um rapaz – talvez, enfim, uma pessoa especial

que conheci na vida – ganhei roupas e uma amizade atenta e começamos uma biblioteca em comum. Aos 15 ou 16 anos, fui expulso do partido porque lia “demais e qualquer pensador”, mas a verdade talvez estivesse na dificuldade deles de me controlarem e até de me entenderem. Devo ter sido (mas nunca datei nada) um dos primeiros leitores do “*Socialisme et Barbarie*”, no Brasil. Fui leitor do pobre Trotsky (sem contudo jamais pertencer à 4.^a internacional) e eles não sabiam o que era pobreza e determinação.

Há algo que não sei como contar-lhe (nem é o lugar, nem é o momento, nem é para compreender): éramos quatro irmãos nos abrigos e tínhamos um pacto (diziam que éramos “perigosos” – é uma mentira, apenas sabíamos “sobreviver”) e este pacto era jamais entrar numa instituição de ensino e jamais trabalhar. Fora S., meu irmão mais velho, que se apaixonou e traiu todos estes propósitos – tornando-se professor de matemática da USP – nem eu, nem P. ou R. trabalhávamos ou fomos estudantes na vida. Quando nos dispersamos (após os abrigos), cada um foi viver uma vida de provas. E aqui paro com esta história. Sou o único sobrevivente.

Eu era, como o Maurício, um autodidata, e muito cedo – num esforço quase banal – comecei a ler em francês, italiano, espanhol e português e frequentei, no “Instituto Goethe” (aliás, com o Bento Prado), um curso de alemão que não concluímos.

Um amigo que fugiu dos Estados Unidos para não participar da guerra do Vietnã me ensinou como entrar numa pensão, ficar dois meses sem pagar, e depois “se mandar”.

Passei a ter um grupo político e lutávamos em particular contra os “estalinistas” – isso que para eles era terrível, pois sempre quiseram ser o único grupo de esquerda no Brasil (e no mundo). É uma longa história e no começo de 1960.

Na biblioteca (e no Grupo da Biblioteca) surgiram rapazes que ostentavam recursos econômicos e que se preparavam para entrar na USP e – apesar de nos pagarem almoços – tinham certo desprezo pela nossa extrema pobreza, vagabundagem e pelas leituras “em aberto” que fazíamos. E eram estalinistas – o que sempre foi uma característica destes falsos comunistas, que afinal se empenhavam numa carreira. Éramos uns oito lá, e infernizávamos as conferências, congressos e até planos dos estalinistas de SP. Eram comunistas que jamais foram presos e durante a Ditadura se exilaram e estudaram.

Eram e continuam sendo os jornalistas (verdade que morrendo ou aposentados – pois todos nós envelhecemos), os intelectuais, e em algumas ocupações (burocráticas, culturais, o teatro, por exemplo) eles pareciam eternos.

Os rapazes (que se preparavam para entrar na USP) do grupo da Biblioteca Municipal de SP se tornaram os intelectuais do Brasil. E no Rio, aqueles outros que tentaram impedir a “histórica passeata dos cem mil” (contra a Ditadura Militar), tinham em comum com o pessoal de SP impedir que lêssemos e editássemos Althusser.

Entrevistador. Como foi, nesse momento, a recepção de Althusser e Pêcheux (Thomas Herbert) no Brasil?

C. H. Escobar. Nesta época, durante uma década, eu por todos os anos ganhava o prêmio de dramaturgia do “Serviço Nacional de Teatro”. Porém, eram eles, os estalinistas, os diretores deste órgão cultural no Brasil. Tiveram que me editar dez peças e não as distribuíram (e elas estão podres e úmidas nos porões da Funarte). Vim a saber isso agora, pois um amigo meu e ator da minha primeira peça (*Antígone América*) se tornou até recentemente diretor da Funarte (Sérgio Mamberti). Nem os textos sobre Althusser nem meu teatro eles deixaram existir – e eu não me dava conta do que se passava.

Particpei da “luta armada” – e os estalinistas que se diziam “neutros” eram um perigo constante no Rio e em SP – e parei de escrever ou ler. Um dia acabei no Doi-Codi e os líderes de um movimento (que se revelaram incapazes) foram trazidos à minha cela e me denunciaram. Professores e meus alunos – uns dez – morreram. Fui cassado durante oito anos e depois anistiado, e minha vida nas unidades de comunicação, de filosofia e, enfim, na psiquiatria – quando já não existia PCB – continuou a ser de exclusão e perseguição. Em 1990, publiquei dois livros sobre Marx e em 2000 dois livros sobre Nietzsche, e nenhum crítico e nenhum jornal noticiou.

Não me lembro de datas (e isso é algo que você talvez possa fazer), mas acho que meu pequeno e denso livro sobre Althusser é anterior ao da Marta Harnecker (que tem prefácio de Althusser). Quase toda a hostilidade do PCB está no nosso esforço em editar, debater e ensinar o Althusser. Para você é isso que importa.

Sempre soube – e, sobretudo, quando lia Lênin e seu sofrimento por não ter havido revolução alemã, seja no debate com a Rosa², seja na sua insistência (que também foi de Marx) de que não é a “classe operária” em si – espontaneamente – revolucionária, mas a vanguarda em meio dos operários (e, sobretudo, num “partido de massa”). Como se passou na Rússia antiga, e já no desespero político que levou os “espartaquistas”³ na Alemanha ainda prussiana a tentar a revolução.

Assumimos “Althusser” – e alguns dos meus livros exploram pensamentos ou aspectos do pensamento de Althusser. Nosso grupo de estudo e práticas políticas fez os primeiros estudos de sua obra, e tentou desdobrá-los

² Trata-se de Rosa Luxemburgo, membro fundador do movimento espartaquista na Alemanha (nota do entrevistador).

³ Trata-se de um movimento que surgiu na Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, em 1915. Mais particularmente em 1918, o movimento se engajou na tentativa de realizar uma revolução socialista na Alemanha, dentre outras formas, por meio da circulação de jornais clandestinos como o **Cartas espartaquistas** (nota do entrevistador).

no Brasil. Não conseguimos nos sobrepor ao estalinismo, seus teóricos e sua máquina no Brasil. Na própria história política comunista, os lugares de Althusser e Pêcheux foram sempre urgentes.

Quando Lênin foi até Gramsci, Gramsci lhe disse (mas há leituras desse encontro dizendo que a ideia era de Lênin) que era preciso preservar a URSS (que foi a tal questão paradoxal do comunismo num só país). Lênin compreendeu, mas houve os tais “derrames” – pede, aliás, nesse momento, que Krapouskaia telefone a Stalin no Kremlin. Stalin não atende ao telefone; Lênin morre e Stalin transforma aquilo num Estado policial e faz dos partidos uma instituição internacional de traidores.

O texto, já antigo, de Bettelheim “A luta de classe na URSS”⁴ foi, para mim, extremamente importante, e aconselho a sua leitura.

Ora, quando procurei avançar os estudos de Althusser sobre o pensamento marxista já sabia – e por leituras e experiência própria – que faltava um “pensamento político” em Marx (e daí o equívoco e a oportunidade da traição de Stalin com o Estado, ou mais precisamente com a “Ditadura do Proletariado”), assim como no marxismo era preciso intervir, organizar e mobilizar junto aos trabalhos teóricos uma “filosofia materialista”.

Nesse caso, sobretudo na “aventura” do corte, que começa bachelardiano e aufere hoje certa figuração “desconstrutivista” (como diz Derrida que, no entanto, em seu livro sobre Marx, se reconhece como não marxista), este esforço e numerosos outros nos colocaram em meio às questões de Th. Herbert (Pêcheux), das dúvidas de Agamben, de R. Esposito, de Balibar e tantos outros.

Entrevistador. Por meio de qual veículo você tomou contato com o pensamento de Althusser, Pêcheux e a epistemologia francesa, notadamente,

⁴ Trata-se de dois volumes publicados na França nos anos 1970 e que referendamos no final da entrevista.

Bachelard e Canguilhem? Qual o impacto político que os seus textos tiveram no Brasil daquele momento? O que significava a ideia de “luta na teoria” durante a repressão política no Brasil?

C. H. Escobar. No Brasil, partilhávamos da luta política que nos exigia por completo e depois encontramos um marxismo bastante perto – ou visto como extremamente perto – mas que exigia um complexo trabalho de releitura. Dei aulas durante anos em instituições de formação de psicanalistas – e procurei sublinhar a década de 1920 a 1930, onde Freud revela sua repulsa à Revolução de Outubro – depois estudei Nietzsche e publiquei artigos e livros sobre Nietzsche. É a fase dos “Simpósios” (Artaud, Althusser, Nietzsche, poesia e teatro) que criei e administrei no Rio. E, enfim, umas cinco comemorações sobre o “Manifesto Comunista” por todo o Brasil.

Estes trabalhos (e as relações com o *Cahiers pour l'analyse*, ou *Langages*, ou *Communication*, se deram por meio das funcionárias da Biblioteca da Embaixada da França que depois, após a mudança da Embaixada para Brasília, passou a ser a biblioteca da *Maison de France*. Lá, onde eu e Isabel Ribeiro – que numa época namorei – íamos todas as tardes e se tornou o lugar de encontro daqueles que mais tarde (e tal como o Grupo da Biblioteca de SP) seriam os intelectuais do Rio. Chaim Katz, Joel Birman, os irmãos “Velho” e o Eginardo – que seria o primeiro a escrever sobre Lacan no Brasil e que mais tarde se suicidou. A luta por Althusser e Pêcheux no Rio não era bem vista pelos estalinistas.

Falta lhe explicar um dado bastante pessoal. Como fui parar na UFRJ. Em certo momento fui chamado por um ministro da Cultura em razão de artigos em revistas e jornais. Ele me chamou e ofereceu condições – papéis etc. – para que eu desse aulas na UFRJ, onde ensinei Saussure, linguística, semiologia, Marx, Nietzsche e até mesmo Heidegger. As condições foram de ensinar de forma pessoal e sem programas. Fiz isso quase por 40 anos. Fui

professor (de Althusser, Pêcheux, Balibar, Gadamer, Heidegger, Derrida etc.) porque estes autores me inquietavam e despertavam os alunos e porque tinha como projeto discuti-los.

Hoje estou aqui. Tive quatro filhos, e três quase não conheci. Na parede da minha casa estão as pinturas do meu filho Christian, que nasceu em Paris, na rue Saint-Jacques (a mesma da Sorbonne) no Quartier Latin. Suicidou-se no Brasil.

Agora passo – mesmo se muito rapidamente –outra vez às questões teóricas.

Entrevistador. Como você via/vê(?) a relação entre a filosofia althussero-pecheutiana e a linguística de seu tempo. De que maneira uma crítica à linguística gerativa e estrutural o encaminhou para uma ciência dos discursos ideológicos? Seria possível, a partir disso, que você se posicionasse face ao que conhecemos hoje como análise do discurso e que, a meu ver, deve muito aos trabalhos que você desenvolveu nos anos 1960/1970?

C. H. Escobar. Quis armar um “método” no estatuto da “produção” para a linguagem. Devo ter lido mais Lévi-Strauss do que Saussure, Bakhtin, Benveniste, Jakobson (o pessoal da fonética) – que estive no Rio – etc. Fui amigo pessoal – como muitos brasileiros o foram – de Lapassade e, sobretudo, de Foucault.

Morava numa casa velha com 20 gatos e debatia com companheiros os tais “aparelhos do Estado” de Althusser quando Foucault veio até minha casa. Você não deve tê-lo conhecido pessoalmente –, aliás, Deleuze, no seu livro sobre ele, é bastante preciso – e Foucault naquela noite “desancou” Althusser. Mas isso são debates intelectuais. Na vida real, quando Foucault foi reprovado (na universidade) com a tese da “História da Loucura” quem o assume – contra a depressão – e o faz reescrever a tese foi Althusser. Foi quando entrou na *École des Hautes Études*, em Paris.

A universidade francesa foi sempre obscura e conservadora. Althusser só conseguiu entrar nela via Bachelard – que como você sabe, trabalhou nos correios, foi professor de Liceu, ajudou a resistência e só muito velho foi chamado à universidade.

Não sei quais os intelectuais através dos quais se formam os estudantes da AD. Mas Althusser tem nele muitas “imagens” intelectuais – sempre numa fiel preocupação com o marxismo – e todas na direção de uma autocrítica, certamente mais rica que algumas de suas “formulações” teóricas por onde é conhecido. Entre meus planos para o futuro (mas há para mim ainda algum futuro?) está escrever sobre o “último Althusser”, o do “materialismo aleatório”. Pêcheux morreu e, no entanto, não o vejo assim tão estudado quanto devia ser Pêcheux e sua época.

Leio, sobretudo, os que repensam o marxismo ou discutem questões essenciais no marxismo (tais como Agamben, J.-L. Nancy, Derrida, e sobretudo R. Esposito). Há muita gente que trabalha com eles. Fui leitor e professor assíduo de Deleuze e partilhei mesas no Brasil com Guattari (foi quando conheci o Franco e a Franca Basaglia e os admirei como pessoas).

Mas é J.-L. Nancy, Agamben e Derrida que reformulam noções (praticamente) mortas como *bios* e *zoē*, como “história” (que sempre coube ao expansionismo cristão e à reprodução ampliada do capital) e deve ser repensada nas questões da comunidade e do “ser-em-comum”.

Não falo mais hoje de Barthes, Foucault, Lyotard ou Lacan (que usei demais nos cursos de pós-graduação na UFRJ e nos cursos de férias por todo o Brasil), mas de Gadamer, Derrida e, sobretudo, o Heidegger que deixa para trás a fase do *Dasein* e se torna um estudioso sensível da linguagem (ou dos Hinos de Hölderlin). Isso não quer dizer que eu seja um heideggeriano, mas reconheço sua importância, sobretudo na inseparabilidade da linguagem e a questão do ser que todos nós sabemos serem questões inseparáveis.

Enfim, me preocupa a institucionalização maciça – e o perigo de banalização – de todas as formas de “análise do discurso”.

Você sabe que o poder – sua ampliação, sua sagacidade – se escuda num saber superficial da comunidade. Dos fatores aparentemente incontrolláveis que passam a medir e a calcular (desenvolvendo um rancor ao estudo filosófico nestas questões), onde preferem técnicos medíocres.

A *linguagem e o ser* (e, sobretudo nesta última questão, aconselho você a comprar na França o magistral livro de Aubenque, “*Faut-il déconstruire la métaphysique?*”) sempre andaram juntas. Pensar vivência esta proximidade. De Parmênides e Platão (Crátilo) é isso que é pensado, tal como (no que concerne à validade dos conceitos) em Althusser ou Heidegger.

O cristianismo primitivo tem um “discurso” quase puro – de um “cristianismo” que como tal não sobreviveu – e quando Agostinho, face à destruição dos bárbaros de Roma, escreve “A Cidade de Deus” nós lemos um discurso singular já bastante difícil para nós.

Espinoza é, sobretudo, um “discurso” que não é nada comum com a euforia contemporânea da “imanência” (que Althusser elogia sem se aprofundar, e Deleuze dele o toma à maneira de uma apropriação arbitrária e, enfim, Negri numa insensibilidade única supõe uma “ferramenta” em abstrato para formular sua teoria).

Hölderlin (como mostra Lacoue-Labarthe) é quem esteve mais próximo às questões da tradução e das diferenças que Derrida trabalha (mas não me lembro dele citar Hölderlin) e os discursos “conhecem” (ou se tornam lutas ideológicas) esse somos inseparavelmente pensadores da linguagem e “do que se trata” somos numa etapa limiar do “pensamento”.

Não acredito muito em “semiologias” – esse artesanato que chega a alturas poéticas em Barthes. Falta nelas qualquer coisa ousada, inesperada e heroica que existe, por exemplo, na arquitetura. As semiologias retardam a

“loucura” que a supressão da origem implica e que nas estéticas (irresponsáveis) devem formular sentidos sem fechos. Mas estas questões de fundo ficam para outra vez.

Hoje, os mundos – como o “aberto” – estão sem faces; e no espaço nem mesmo seus restos se deixam provar. O perfil não sai do escuro. É preciso – num grau viril dos personagens trágicos – começar um novo “nu”. Que agora saiba exhibir-se (sobre as sandálias de saltos extremamente altos dos atores trágicos) para fazer existir (ou se fazer existir) no cada vez único da “Antígona” de Sófocles.

Aveiro/Paris, março de 2011

Referências

- BETTELHEIM, C. *A luta de classes na União Soviética*. Trad. Bolívar Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- BETTELHEIM, C. *Les luttes de classes en URSS – Première période, 1917-1923*. Paris : Seuil/Maspero, 1974.
- ESCOBAR, C. H. *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ESCOBAR, C. H. As leituras e a leitura prático-teórica. In: BAETA NEVES, L. F. (Org.). *Epistemologia e teoria da ciência*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 87-160.
- ESCOBAR, C. H. Categorias gerais para um enfoque dos discursos ideológicos. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 64-75, 1973.
- ESCOBAR, C. H. *Discursos, instituições e história*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.
- ESCOBAR, C. H. Do estatuto dos discursos no inconsciente e na história. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 36/37, p. 3-7, 1974.
- ESCOBAR, C. H. *Epistemologia das ciências hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.
- ESCOBAR, C. H. Introdução. In: ESCOBAR, C. H. (Org.). *Semiologia e linguística hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 1-15.
- ESCOBAR, C. H. Leitura de Saussure: proposições semiológicas. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-68, 1972.

ESCOBAR, C. H. *Proposições para uma semiologia e uma linguística: uma nova leitura de F. de Saussure*. Rio de Janeiro: Rio, 1973.

ESCOBAR, C. H. Uma filosofia dos discursos: uma ciência dos discursos ideológicos. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 30/31, p. 37-78, 1972.

GREGOLIN, M. R. Tempos Brasileiros: percursos da análise do discurso nos desvãos da História do Brasil. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (org.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007.